

Rony Bellinho, obra s/ título,
aguada s/ papel, assinada e datada, 2017.
Foto: Bellinho



MODULAÇÕES PICTÓRICAS: RONY BELLINHO, UM PINTOR DO CSO

LARISSA REZINO,
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: Neste ensaio, busco apresentar uma possível conexão pictórica/teórica entre o conceito de “Corpo sem Órgãos”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e as obras do artista visual brasileiro Rony Bellinho. Para tanto, utilizo como base teórica a modulação deste conceito por Deleuze, em *Francis Bacon: Lógica da Sensação*. O interesse geral do trabalho consiste em relacionar a noção de CsO às dinâmicas próprias das obras de Bellinho, experimentando, assim, novos usos do conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Bellinho; pintura; CsO; figura; experimentação; criação.

ABSTRACT: In this essay, I seek to present a possible pictorial/theoretical connection between the concept of the “Body without Organs”, by Gilles Deleuze and Félix Guattari, and the works of the Brazilian visual artist Rony Bellinho. To this end, I use as a theoretical basis Deleuze’s modulation of this concept in *Francis Bacon: The Logic of Sensation*. The overall aim of this work is to relate the notion of the BwO to the dynamics inherent in Bellinho’s works, thereby experimenting with new uses of the concept.

KEYWORDS: Bellinho; painting; BwO; figure; experimentation; creation.

INTRODUÇÃO

Este ensaio se propõe a uma experimentação que consiste em aproximar o conceito de “Corpo sem Órgãos” (muitas vezes abreviado como “CsO”), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, junto ao plano pictórico do artista brasileiro Rony Bellinho. Tal reflexão teve o seu início com a leitura da obra *Francis Bacon: Lógica da Sensação*, publicada em 1981, na qual Deleuze tece análises sobre as pinturas de Bacon e pensa o conceito de CsO em suas telas. Noto que devido à plasticidade desta noção pode ocorrer, aos entusiastas do assunto, enxergar CsO nas mais diferentes esferas, modos e expressões possíveis, como um efeito “rebote”, pós-leitura, que cria em nós outros arranjos dos nossos sentidos de modo que passamos a enxergar, a cheirar, a saborear, ouvir e tocar CsO por todas as partes. Assim, as pinturas de Bellinho chegaram até mim como uma das possíveis modulações do conceito CsO, de forma que a análise e a apresentação de tal aproximação através deste ensaio me pareceram inevitáveis.

A noção de Corpo sem Órgãos surge primeiramente com Antonin Artaud, em 1947, na conhecida transmissão radiofônica “Para dar fim ao Juízo de Deus”, da qual Deleuze se apropria do termo. Posteriormente, a noção é modulada em contextos teóricos ímpares passando pelos livros *Lógica do Sentido* (1969), *O Anti-Édipo* (1972), *Mil Platôs* (1980) e, por fim, *Francis Bacon: Lógica da Sensação* (1981), no qual Deleuze encontra a atualização do CsO nas *Figuras* pictóricas de Francis Bacon, ou seja, o CsO ganha forma na desfiguração do corpo.

As *Figuras* “baconianas” de Francis Bacon exercem movimentos intensivos que percorrem todo o corpo a fim de dissipá-lo. São movimentos da ordem das intensidades: movimentos intensos, disformes, que desconstroem o corpo orgânico. Na passagem representativa de um corpo orgânico para a construção de um corpo inorgânico o mesmo é atravessado por forças, velocidades e intensidades que lhe dão outra dimensão. Estamos, então, diante da própria criação de um “*Corpo sem Órgãos*”. Assim, termos como “escoamento”, “desfiguração”,

“desconstrução”, “dissipação” são centrais quando se trata do CsO no plano pictórico.

Dizendo de forma precisa: a análise de Deleuze compreende as *Figuras* de Bacon como um processo de desconstrução da representação figurativa sem cair no abstrato. Bacon cria uma “Figura” que se forma através do escoamento da representação do corpo orgânico. Ressalto a importância desse aspecto, pois ele me serviu como um disparador teórico ao me aproximar da produção artística de Rony Bellinho.

Quando, em uma conversa com Bellinho, eu peço para ele me responder, de forma precisa, sobre seu processo de criação, ele é assertivo ao dizer que: “(...) a essência da criação pode ser situada na procura de harmonizar figura vs abstração. Ataque e cálculo na mesma intenção”. Sua resposta me fez considerar que a busca pelo “desfazimento” do corpo, que guarda certas semelhanças ao corpo orgânico, é, também, um dos seus interesses pictóricos.

Diante desses encontros conceituais me respaldo para utilizar

as ferramentas conceituais que Deleuze e Guattari possibilitaram, ou seja a mesma grafia do termo “Figura” utilizada por Deleuze, ao me referir às “Figuras” de Rony Bellinho, pois suas obras ativam uma atualização do conceito CsO no contexto brasileiro contemporâneo. Esclarecer esse entendimento se põe como um grande desafio. Portanto, para percorrer este trajeto e atingirmos Rony Bellinho como um artista “CsO”, me atenho ao entendimento geral sobre os CsO pictóricos posto por Deleuze em *Francis Bacon: Lógica da Sensação*, a saber: “corpos desfeitos”.

BELLINHO, UM ARTISTA VISUAL CRIADOR DE CSO

A afirmação de que as “Figuras” de Rony Bellinho convergem para o CsO se dá porque, nelas, o corpo exerce movimentos como caminhadas, contorções e alongamentos que desfazem a aparência física, mas nunca por completo, pois sempre reconhecemos o corpo humano que transita entre a captura (o figurativo) e o escape (a abstração).

O CsO em Rony Bellinho, a partir de Deleuze, revela aspectos intrinsecamente ligados à concepção do “Corpo sem Órgãos” como uma expressão que não se finaliza, mas que se faz e se decompõe, em contínuo movimento durante o processo de sua criação. Essas “Figuras” possuem formas que estão entre o humano e o inumano: “Figuras” de multiversos, supra/terrenos.

Em sua obra, Rony Bellinho é capaz de captar o momento exato da fuga dos traços representativos do corpo. Modula fundo e “Figura” no mesmo plano intensivo. Liberta o corpo orgânico e, ao mesmo tempo, a “Figura” exprime sua intensidade. Conclusão: temos, portanto, nas obras de Rony Bellinho, um corpo desfeito puramente intensivo; o CsO defendido por Deleuze.

Vejamos, a seguir, os CsO nas *Figuras* das obras de Rony Bellinho: nas duas obras 01 e 02, sem título, de 2017, observamos a mesma composição: três corpos paralelos e o fundo branco do papel faz com que as “Figuras” atraiam a atenção do fruidor. Em ambas

as pinturas, há “Figuras” de corpos em movimento e tal movimento pode ser tanto do tipo uniforme quanto variado, ou ainda no mesmo lugar.

Na obra 01, os corpos exercem movimentos de tipos variados: caminhada, contorção, alongamento, etc. Já na obra 02, o movimento nos parece ser do tipo no mesmo lugar, pois as “Figuras” estão contorcidas e em pose. Nestas obras os corpos se desfazem em seu próprio movimento – mas não por completo. Temos a percepção intuitiva de que são corpos devido aos traços das silhuetas e às formas das linhas que remetem a membros como braços, pernas e cabeças. Assim, os corpos transitam entre a captura (o figurativo) e o escape (a abstração), encontrando um ponto de fuga para se refazerem enquanto CsO.

Trata-se de um aspecto intrinsecamente ligado à concepção do “Corpo sem Órgãos” como uma expressão que não se finaliza, mas que se faz e se decompõe durante o processo de sua criação. Justamente, por esse contínuo movimento, as “Figuras” possuem formas que estão



Pintura 01. Rony Bellinho, obra s/ título, aguada s/papel, datada e assinada, 2017. Foto: Bellinho



Pintura 02. Rony Bellinho, obra s/ título, aguada s/ papel, assinada e datada, 2017. Foto: Bellinho

entre o humano e o inumano: “Figuras” de multiversos, monstros, extra/terrenos, supra/terrenos. Vejam: a “Figura” central da obra 01, que joga seus membros pelos ares enquanto caminha, tem sua cabeça flutuando. A cabeça sobrevoa o restante do corpo – mas não se trata de um corpo sem cabeça; é uma cabeça para além do corpo.

Outro aspecto a que chamo a atenção é a “Figura” central na tela 02, que faz uma pose e sorri. Deleuze desenvolve uma teoria sobre os sorrisos histéricos das “Figuras” de Bacon, que sorriem diante de sua dissipação. O mesmo sorriso pode ser visto aqui, pois, no rosto marcado pelas linhas de tons ocres, há um sorriso zombeteiro que acompanha a contorção da coluna, a qual dissipa o restante do corpo, que, por sua vez, perde a precisão de seus membros inferiores, bem como a precisão de seus órgãos.

Já na pintura 03, a “Figura” está isolada e centralizada. Entre a “Figura” e o fundo, há um contorno branco que percorre todo o corpo, como se a

Pintura 03.
Rony Bellinho,
obra s/ título,
aguada s/ papel,
assinada e datada, 2017.
Foto: Bellinho



Pintura 04.
Rony Bellinho,
obra s/ título,
aguada s/ papel,
assinada e
datada, 2017.
Foto: Bellinho

“Figura” estivesse cercada. Trata-se de uma “Figura” sem rosto definido e sem corpo orgânico, composta apenas de traços de silhuetas que sugerem um corpo. Mesmo com os traços ao redor da cabeça produzindo movimento, a “Figura” parece enclausurada, realizando um movimento no próprio lugar. Sobre esse tipo de movimento, Deleuze o descreve como um espasmo, resultado da ação de forças invisíveis que deformam o corpo. Essa ação se expressa na mancha que atravessa o dorso da “Figura”, como se viesse de dentro, deformando o corpo a ponto de torná-lo outro, mesmo sem deslocamento. A postura rígida não interrompe esse processo: as forças continuam a atravessar o corpo, desfazendo seus aspectos orgânicos até uma desfiguração mais profunda.

Na pintura 04 há uma explosão de cores – amarelos, verdes, azuis, cinzas, entre outras. As cores intensificam os traços manchados e imprecisos, produzindo a sensação de velocidade no movimento das “Figuras”, como se estivessem em uma dança. O corpo parece se dissipar e lançar filetes de cor para fora da imagem

central. Pela cor, o corpo se liquefaz e escoia pela tela. Os corpos se tornam imprecisos: não sabemos onde um começa e o outro termina, lembrando, em certa medida, o acoplamento das “Figuras” nas pinturas de Bacon. Bellinho mistura texturas e cores, sobrepondo uma “Figura” à outra. Quando a cor alcança o rosto, ganha outra consistência: há um acúmulo de tinta que cria um efeito de relevo. Já no restante do corpo, os traços escorrem e embaralham membros e órgãos, produzindo uma sensação intensa de movimento. É como se as “Figuras” dançassem juntas, dissolvendo-se na própria cor.

Chegando à última análise, a obra 05 apresenta duas ou mais “Figuras” na mesma tela, seja pelo acoplamento dos corpos, seja pela distância entre eles, e como um corpo interfere na formação do outro aqui há uma forte dissipação: não há ventre, olhos ou boca que organizem a visão. As “Figuras” indefinidas inviabilizam a certeza se estamos vendo um corpo com duas cabeças, dois corpos, ou um corpo fragmentado. As imagens produzem uma indiscernibilidade: os elementos se

Pintura 05.
Rony Bellinho, obra s/ título, aguada s/ papel, assinada e datada, 2017.
Foto: Bellinho



misturam e se separam sem que possamos precisar quando isso acontece. Ainda assim, as “Figuras” expressam intensidades – diferenças que, nesse conjunto, formam o Corpo sem Órgãos. Bellinho consegue pintar o momento em que os traços representativos do corpo se desfazem, justamente por não retratar um corpo definido. Para isso, ele trabalha fundo e “Figura” no mesmo plano. As manchas escuras do fundo se misturam à “Figura”, que em alguns pontos rompem o traço do corpo, interrompendo-o e, em seguida, retomando-o. Esses traços funcionam como linhas de fuga, permitindo que o corpo orgânico se desfaça. Em certos momentos, uma “Figura” parece se tornar a sombra da outra, quase uma substância impalpável.

Assim, o Corpo sem Órgãos não se fecha em si mesmo: ele se expande junto com os traços da pintura. O que vemos, mais uma vez, é um corpo desfeito, mas intensivo.

CONCLUSÃO

Concluo este texto com reticências... Rony Bellinho, um artista Cs0, segue

resistindo à truculência do momento ético/estético/político. Em cada nova obra, novas possibilidades surgem. Há sempre um novo convite para criar e experimentar. A quem se interessar, busque por @rbellino.

SOBRE O ARTISTA RONY BELLINHO [BIOGRAFIA COMENTADA]

O Cs0 localizado na obra de Rony Bellinho surge coerente com a história deste artista, sua formação intelectual, sua concepção estética, sua vida e suas opções filosóficas e existenciais.

Nascido no Rio de Janeiro em 1985, com formação em Letras pela UERJ, Rony Bellinho, artista carioca, já há algum tempo reside em Curitiba. Como uma expressão singular, Bellinho segue a máxima de fazer da vida uma obra de arte. À maneira de um estoico, monástico, Rony Bellinho vivencia doses prudentes de estratos sociais em longas caminhadas pelas ruas e pelos becos da cidade, desterritorializando seus clichês. Na contramão, Bellinho pinta os corpos

marginalizados dos moradores de ruas, das prostitutas e dos drogados. Para Bellinho, o espaço interno da criação se consolida pelo hábito e a questão temática da marginalidade atende ao seu preceito humanístico. Entretanto, diz ele: “Sempre admirei os mestres ‘deformadores’ Goya, Picasso, Bacon. Além de que, admiro o sentido grotesco da anatomia”.

Bellino participou em 2013 da Bienal de Curitiba, no Museu Oscar Niemeyer, com mais de 51 obras, dando visibilidade a esses corpos neste importante evento contemporâneo.

Currículo artístico:

Participação em Bienais:

Bienal de Curitiba/PR, 2013 (sala especial, Museu Oscar Niemeyer);
Bienal de Curitiba/PR, 2015.

Exposições individuais:

Exposição individual no MAC, Curitiba/PR, 2014;

Exposição individual na Galeria Subsolo, Curitiba/PR, 2013.

Suas obras constam em diversas instituições culturais no Brasil e no

exterior: Museu Nacional do Conjunto Cultural da República/ Brasília/DF; Ministério da Cultura, Brasília/DF;

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro/RJ;

Museu Nacional de Bellas Artes, Assunção/Paraguai;

Museu Nacional de Bellas Artes de la Habana, Havana/Cuba;

Centro Wifredo Lam, Havana/Cuba;

Bilboko Udala, Bilbao/Espanha;

Ajuntament de Barcelona, Barcelona/Espanha;

Casa da América Catalunya, Barcelona/Espanha;

Brasilianische Botschaft in Berlin/Alemanha.

Participou de exposições coletivas e individuais:

Exposição individual na Galeria Subsolo, Curitiba/PR, 2013.

Exposição individual, MAC/Curitiba/PR, 2014.

Exposição individual, Museu Guido Viaro, 2015;

Exposições coletivas:

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Masp, São Paulo/SP; Centro cultural São Paulo/SP;

Palácio Itamaraty, Brasília/DF;

Galeria Funarte, Fundação Nacional de Arte, Rio de Janeiro/RJ; Centro Cultural Manzana de la Riviera, Assunção/Paraguai;

Centro Cultural Recoleta, Buenos Aires/Argentina;

Galeria Arte Singular/ Curitiba/PR.

LARISSA REZINO

Esteta, professora e produtora cultural, atualmente realiza estágio de pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco. É doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e mestra em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduiu-se em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Sua atuação acadêmica concentra-se na relação entre arte e filosofia, com ênfase em Filosofia Contemporânea e Filosofia da Arte.